

## Ata da Segunda Reunião Pedagógica

A segunda Reunião Pedagógica entre estudantes, docentes e colaboradores(as) foi realizada no dia 24/09/2016 (vinte e quatro de setembro de dois mil e dezesseis), tendo como propósito a discussão do resultado do Censo 2016, que coletou informações de estudantes, docentes e colaboradores(as) ativos no Curso Mafalda no ano de 2016, além de demais temas trazidos pelos(as) presentes. A reunião se realizou no período pós-aula, das 17h00min às 19h00min na Rua Honório Maia, 70, casa 5 e contou com a presença de 16 (dezesseis) pessoas que integram o Mafalda, sendo elas: Alessandra Ribeiro, Anelisia Nobre, Caio Romero, Gabrielle Idealli, Heloísa Santana, Igor Dias, Leon Bueno, Mídrria da Silva, Renata Cristina, Renato Silva, Suzana da Cruz, Tainá Farias, Talita Amaro, Tatiana Martins, Thuan de Oliveira e Vitor Martins.

Talita iniciou a reunião mostrando os resultados em gráficos do Censo Mafalda 2016 dos docentes e colaboradores(as), por meio de projeção de slides. As informações do resultado obtido pelo Censo Mafalda 2016 pode ser visualizado por completo, no *link* abaixo:

Leia na íntegra:  
<https://goo.gl/cWlekm>

São discutidos os dados obtidos de cada questão por vez. Na primeira, Talita atenta ao fato de que a maioria dos membros do corpo docente está na faixa de 20 a 25 anos. Já em sexo, feminino é o mais presente, porém com uma maioria sutil em relação ao sexo masculino. Sobre estado civil, solteiro é o de maior número de respostas. É visto também que a grande maioria não tem filhos. Em raça, a branca é a mais respondida, e em sequência é a parda, mas com distância considerável.

Na questão sobre religião desses(as) educadores(as) e colaboradores(as), nota-se que a maioria se diz sem religião ou ateu, contabilizando 50% desse grupo. Dos que disseram possuir religião, católica é a que mais aparece.

Renato questiona sobre qual o número de pessoas que fazem parte do grupo de docência e colaboradores(as) do Cursinho, Talita responde que cerca de 90 pessoas responderam ao Censo, mas que faltaram informações de alguns(as) integrantes.

Sobre a questão de terem empregos remunerados, a opção “não trabalho” e “trabalho em período integral” são equivalentes. Quando perguntados sobre terem trabalhado em outros movimentos sociais ou trabalhos voluntários, 50% dos indivíduos declararam que nunca fizeram parte de algo nesse sentido.

Em relação à região em que mora, nota-se que Leste 1 se mostra como grande maioria das respostas. Em seguida, muitas pessoas vivem na Zona Oeste. Sobre a situação dessas moradias: casa própria quitada é a maioria, mas com certa proximidade a opção “alugada” vem em seguida.

Na seção sobre núcleo familiar, majoritariamente a presença de famílias pequenas se é percebida, com número de membros de 2 ou 3 pessoas. A questão seguinte mostra que a grande maioria dos(as) docentes e colaboradores(as) moram atualmente com os pais. Nos dados coletados sobre renda total da casa, entre 3 e 5 salários mínimos é a resposta com maior número. Na sequência, entre 6 e 10. Depois, entre 1 e 2.

Quando perguntado sobre origem materna, sudeste é a região mais notada. Sobre a origem paterna, sudeste também se nota como a opção em maior número, mas dessa vez, a diferença para a segunda maior opção “nordeste” é menor do que quando questionada sobre a região que as mães nasceram. Em nível escolar, as mães têm ensino médio completo na maioria, e o pai, ensino superior completo. Mas as mães têm mais escolaridade, se observadas no quadro geral.

Na questão sobre onde teriam estudado o ensino médio, os(as) docentes e colaboradores(as) responderam escola pública comum e particular com muita proximidade. Sobre terem feito cursinho para vestibular, “não fiz cursinho” e “fiz cursinho particular” também são equivalentes. Nas graduações, é observado que cursam (ou cursaram) em grande maioria em instituições públicas. No maior grau de instrução atual, a maioria diz estar cursando graduação no momento.

Alessandra propõe que no próximo Censo, seria necessário questionar se as graduações particulares seriam com bolsa ou não. Renata e Talita concordam com a importância desse acréscimo.

Também se foi questionado aos(às) participantes do Censo Mafalda 2016 sobre o tempo em que os(as) mesmos(as) estão conectados(as) no Cursinho, e a maioria respondeu trabalhar há menos de 1 ano.

Assim, a demonstração das informações obtidas através do Censo 2016 entre docentes e colaboradores(as) é finalizada. Na sequência, é iniciada a mesma discussão e visualização de respostas dos(as) participantes do Censo, mas dessa vez, dos(as) estudantes do Cursinho Mafalda, que também pode ser conferido no *link* disponibilizado acima.

Quando perguntando em qual curso eles(as) estão matriculados(as), os(as) estudantes responderam “pré-universitário” em maioria. Na sequência, idiomas. Alessandra lembra sobre o grande número de estudantes em idiomas se dever ao fato de os(as) matriculados(as) em teatro e português para imigrantes e refugiados também terem entrado nessa opção, por falta de outra que os contemplassem.

A faixa de idade mais notada é entre 16 e 17 anos, com 18 a 20 em seguida. Talita ressalva que isso faz sentido pois a maioria dos(as) estudantes são do curso pré-universitário, conforme visto.

Em sexo, assim como no resultado da docência e colaboradores(as), o feminino é a maioria. Talita atenta que o sexo feminino está mais em busca de

formação, em termos percentuais no Brasil, o que se relaciona à essa quantidade de respostas.

No estado civil, a maioria dos(as) estudantes também se declara solteira, assim como no Censo entre docentes e colaboradores(as). Assim também como o outro Censo, a grande parcela também não tem filhos, mas se comparado com esses(as) docentes e colaboradores(as), o primeiro grupo tem mais filhos.

Sobre cor, branca e parda são as mais respondidas. Mas, se juntadas preta e parda são a maioria, enquanto em educadores(as) e colaboradores(as) é branca.

Em religião, nota-se que cerca de 70% dos(as) estudantes responderam serem adeptos ao cristianismo, com católicos(as) em primeiro lugar. Gabrielle questiona o alto percentual da opção “outros”, pois no Censo está disponível grande variedade de religiões dentre as opções.

Quando perguntado sobre empregabilidade, a maior parte desse grupo não trabalha. Assim, Talita atenta que é importante ter esse dado obtido, porque a maioria não trabalha e assim possuem disponibilidade para atividades, tarefas, e demais afazeres relacionados ao Cursinho, mesmo que com jornada escolar dupla (casos onde além de fazerem ensino médio, também cursam cursos técnicos ou profissionalizantes).

Desses que trabalham, metade está na área do curso escolhido, e a outra metade não. Sobre idade de início de vida profissional, a maioria responde que aconteceu com 16 ou 17 anos, mas também é possível notar que a faixa entre 14 e 16 anos é alta.

Gabrielle pergunta se é conhecido algum dado a nível estadual de estudantes de escola pública, pois seria interessante pensar o perfil dos(as) estudantes do Mafalda em comparativo com o quadro geral da escola pública comum. Ela ainda ressalva que, na década de 70, os(as) jovens trabalhavam mais cedo. Porém hoje, entre 14 e 16 anos não é uma faixa que comece a vida profissional tão comumente, mesmo dentre as famílias mais pobres.

Anelisia concorda e diz que conversou isso com alguns pais em encontros, e relaciona isso ao governo do ex-presidente Lula, afirmando que daqui em diante, com a mudança política na presidência e no contexto político, será vista alguma transformação nesse sentido.

Quando se são vistas as respostas sobre atuações voluntárias ou em movimentos sociais desses(as) estudantes, parte considerável diz participar (ou ter participado), com número maior que o resultado obtido entre docentes e colaboradores(as), mas a opção mais respondida, mesmo assim, foi a de “não ser envolvido” com algum projeto nesse sentido.

Talita lembra que cerca de 400 estudantes responderam a esse Censo. Em seguida, Talita atentou a diferença entre o gráfico de moradia de estudantes e

educadores(as) e colaboradores(as), mas que mesmo assim Leste 1 domina as respostas, e na sequência, Leste 2.

Renato pergunta se a unidade do Cursinho na outra parte da Zona Leste pode fazer com que a Unidade Tatuapé venha a ter certa diminuição no número de estudantes. Talita alega que não, pois nas outras unidades do Cursinho Mafalda, disponibiliza-se ainda pouco número de vagas, algo em torno de 80.

Tainá lembra que, na unidade do Céu Vila Curuçá, são distribuídos lanches para os(as) estudantes, o que é de extrema ajuda na inclusão de estudantes em estado de vulnerabilidade social, que não teriam dinheiro para arcar com gastos com almoço e transporte.

Na situação de moradia, própria quitada é a maioria, com um pouco mais da metade, e depois em seguida se nota a opção “alugada”. Alessandra observa que ocupação popular é mais vista do que nos dados dos(as) docentes e colaboradores(as). Mas Renata ressalva sobre o número de respostas ter sido maior no grupo de estudantes, do que no de educadores(as) e colaboradores(as).

Quando perguntado sobre núcleo familiar, as respostas são mais vistas em “de 4 a 6 pessoas”. E se notam famílias mais numerosas em comparativo com as do outro grupo do Censo. E cerca de 75% declaram morar com os pais.

Gabrielle observa sobre o número de pessoas com “só eu” respondidas em núcleo, e poucas em “moro sozinho”, pois diz que esses números deveriam ser equivalentes, ou muito próximos. Renata diz que muitas vezes essas pessoas podem morar com amigos(as). Mas Tainá diz que aqueles(as) que moram com amigos(as) deveriam estar maior em respostas, desse modo.

Sobre membros da casa que exercem atividade remunerada, a opção com mais resposta é a de que apenas 1 pessoa. Talita atenta que é uma situação vulnerável, pois se essa pessoa responsável perder o emprego, ou seu modo de sustento da família, faria com que o(a) estudantes não pudesse mais frequentar o Mafalda. Na renda, em salários mínimos, se percebe uma diferença gritante com os(as) docentes e colaboradores(as), que nesse último caso, a maioria é entre 1 e 2.

Nas informações sobre o estado civil dos pais, o maior número de respostas é “casado”. Na origem materna, sudeste é a região mais escolhida, mas com nordeste maior que se relacionado ao corpo de docentes e colaboradores(as). Na origem paterna, sudeste também é a mais escolhida, e em seguida nordeste.

Anelisia atenta que mesmo sudeste tendo recebido mais respostas em todas as questões sobre origem materna e paterna na realização do Censo Mafalda 2016, a maioria dessas pessoas provavelmente tem “pézinho” no nordeste, ou seja, fortes laços familiares.

Talita ressalva que o grande número de respostas nas opções de outros países, se deve ao fato das respostas dos(as) estudantes do curso de português para imigrantes e refugiados.

Em nível de escolaridade da mãe, médio completo é a mais vista. Sendo a grande maioria com nível de educação básica (fundamental e médio). Nos níveis dos pais, não se mostram muitas diferenças, exceto em pós-graduação e superior completo que são menores nesse último caso, e “não sei” que é maior. Médio completo é a opção mais escolhida.

Sobre serem beneficiários(as) de programas do governo, cerca de 75% dos(as) estudantes declaram que não são. Os(as) que responderam que sim, de 12 a 13%, escolheram a opção “bolsa família”. Em seguida, a opção “outro”, depois “pronatec/prouni/fies”. Leon atenta que esse quadro de beneficiários(as) está diminuindo, Talita concorda e diz que esse mês já foram cortadas 600 mil bolsas do programa Bolsa Família, por exemplo.

Sobre a escolaridade do(a) estudante: médio incompleto quase empata com o número de médio completo, mas por diferença sutil é o mais respondido. Talita ressalva a dificuldade dos(as) estudantes do 3º ano do ensino médio entenderem se escolhiam nível completo ou não, o que pode ter colaborado com certas respostas erradas na coleta do Censo.

Quase 80% dos(as) estudantes fizeram ensino fundamental em escola pública comum, e no ensino médio a maioria também responde com essa opção, o que contrapõe a ideia que os(as) docentes e colaboradores(as) do Mafalda tinham de existir um número alto nos(as) estudantes do Cursinho serem de escolas técnicas. Dentre os(as) estudantes de escola técnica, quando questionados(as) sobre onde teriam cursado o ensino médio se não tivessem entrado em suas escolas, a maioria responde escola pública comum, e uma parcela mínima responde escola particular.

Na questão sobre porque esses(as) estudantes escolheram cursar o Mafalda, a maioria das respostas escolhidas são as de que seria pela qualidade do Cursinho. Em seguida, por ser gratuito. Logo após, por conselhos familiares, e em seguida, porque amigos próximos também fariam o curso.

Sobre formas de sustento com os gastos com o Cursinho (com alimentação, transporte, e material didático) a grande maioria dos(as) participantes desse Censo responderam que são realizados através de seus(suas) familiares. Talita ressalva a dificuldade de enquadrar o que englobaria a opção “outros”.

Alessandra diz que seria importante que no próximo Censo, fosse colocada a opção de eles(as) escreverem sobre o outro modo de sustento do curso de forma personalizada. E assim, fazer um apunhado das opções que mais apareceram, para a avaliação do resultado.

Também foi perguntado aos(as) estudantes sobre o tempo de percurso de cada um no trajeto de suas casas até o Cursinho. Entre 30 minutos e 1 hora é o percurso da maioria. Em segundo, entre 1h e 1h30min, depois a opção com mais escolhas é 30min, na sequência, mais de 1h30min. Os(as) estudantes também alegam fazer uso de 2 conduções e transportes para chegar ao destino, e Talita se atenta ao custo desse percurso. Mas Tainá relembra sobre a existência do passe livre e da integração no bilhete único.

Quando perguntado(as) se fizeram ou fazem outro cursinho, em torno de 75% dos(as) estudantes diz que não fizeram ou não fazem.

Mídria diz que seria interessante acrescentar para o próximo Censo, a opção de saber quais são esses outros cursinhos que os(as) estudantes mencionam.

Nas faculdades em que eles(as) estão se inscrevendo, a maioria é pública e particular. Talita diz que é interessante analisar o fato de que muitos(as) estão em vulnerabilidade social e estão prestando faculdades particulares, o que faz questionar se esses(as) vão estudar e trabalhar ao mesmo tempo, durante sua graduação.

Mídria diz sobre colocar opções de prouni, bolsas de estudo, entre outras, como forma de adição à essa resposta sobre faculdades particulares, para que esse quadro seja mais fácil de ser analisado.

Nas áreas de interesse de prestarem vestibulares, os(as) estudantes responderam a da saúde em maioria, em seguida a área de ciências humanas e sociais, depois as opções administração, ciências exatas e informática, engenharia, comunicação e meio ambiente, respectivamente.

Renata fala sobre a subjetividade de se observar esse quadro, pois diversos(as) estudantes do Cursinho prestam em áreas bem distantes nas diferentes faculdades em que se inscrevem.

Ainda nas respostas obtidas pelo Censo Mafalda 2016, sobre esse ano de vestibular, a grande maioria terá agora a primeira vez. Em relação às pessoas que estão prestando pela terceira, quarta, quinta vez, ou mais: Talita questiona sobre qual curso elas estariam tentando.

Vitor diz sobre a grande possibilidade de ser o curso de medicina. Mas Talita discorda, dizendo que existe probabilidade considerável de esses(as) estudantes estarem focando unicamente em uma universidade específica, e por isso as diversas tentativas existentes. Igor sugere que poderia ser para a instituição ITA, mas Talita contrapõe essa ideia lembrando a idade máxima limite para essa e outras demais carreiras militares.

Em relação ao principal motivo dos(as) estudantes estarem prestando vestibular, melhoria de vida e mais dinheiro é a resposta mais obtida. Em seguida, com número bem próximo de respostas da opção anterior, eles(as) alegam que

porque amam ou gostam do que escolheram prestar vestibular. Nesse sentido, Talita ressalva que o argumento e abordagem de estarem se propondo aos vestibulares seria influenciado pela vontade de ajudar os pais não cabe mais na perspectiva que esse quadro mostra.

Sobre a disciplina que os(as) estudantes dizem possuir mais dificuldade, matemática lidera a quantidade de respostas obtidas, e depois vem as áreas de química, física, e português. Diante disso, Alessandra lembra que a disciplina de português se mostra com intensidade porque os(as) estudantes do curso de português para imigrantes e refugiados escolheram em peso essa opção.

Talita fala sobre o curso introdutório para o ano de 2017, o proposto BALIM, ser notoriamente importante para suprir dificuldades básicas nas disciplinas de matemática e português.

Renata lembra uma atividade que realizou em sala de aula nesse ano de 2016 do Cursinho, onde estudantes deveriam listar adjetivos, substantivos e verbos, e tiveram grande dificuldade. Assim, Talita comenta sobre a importância de separar a área de redação da área de gramática, pois essa última se nota de forma muito carente para os(as) estudantes. E por isso, o curso introdutório BALIM terá gramática dentre suas disciplinas integrantes.

Talita também ressalva o fato de ser preciso lembrar os(as) estudantes para que estudem em casa e que façam mais exercícios, não só em questões de gramática, mas em todas as disciplinas. Tainá, assim como Renata, também revela um momento de uma de suas aulas, onde alguns(as) estudantes demonstraram não saber o que seria um “éster”, conteúdo indispensável e básico para essa altura do curso pré-universitário, onde leciona.

Quando perguntados(as) sobre onde costumam estudar extra aula, os(as) estudantes responderam em maioria que “em casa”. Em seguida, grande número responderam que não costumam. Talita atenta sobre em alguns casos eles(as) definirem a questão de estudar como fazer trabalhos, tarefas escolares, e não praticarem os conteúdos adquiridos propriamente ditos, com exercícios ou pesquisas. Ainda nesse sentido, os(as) estudantes declaram que dedicam de 1h à 2h, em maioria, na realização dessa ação. Na sequência, grande parcela diz não possuir horário fixo destinado à essa tarefa.

Mais de 85% dos(as) estudantes que responderam ao Censo Mafalda 2016, dizem que acessam a internet todos os dias, em suas próprias casas. Segundo Talita, esse perfil de estudante que, em maioria, não trabalha, tem acesso à internet todos os dias, estudam em escolas públicas comuns de ensinos médio regulares, poderia ser mais representativo na quantidade estudantes que passaram em seus cursos, ao fim do ano letivo. Dentre esse análise, Renata acrescenta que sempre que possível lembra os(as) estudantes da importância da internet para o estudo.

Com isso, a visualização e discussão do resultado das informações obtidas no Censo Mafalda 2016, com os(as) estudantes como público, é encerrada. Desse modo, Talita então abre a reunião pedagógica para demais discussões sobre quaisquer tema que os(as) presentes quiserem sugerir.

Anelisia sugere sobre Censo ser realizado também no começo do ano, e não só no fim, o que poderia ajudar a comparar o quadro nas duas etapas, gerando uma análise mais elaborada e definida. Talita concorda e propõe a época do BALIM para a realização da primeira etapa de coleta. Vitor diz que apoia essa ideia, e acrescenta que é importante para ver a mudança durante o ano letivo.

Anelisia também atenta às mudanças que o público dessas respostas irá sofrer com as transformações políticas nas quais nosso país está passando no momento, e Vitor concorda e ressalva a mudança de perspectivas que serão possíveis de se enxergar através das respostas futuras do Censo, sobre acesso à universidade e outras questões.

Anelisia ressalva o fato de nas respostas dos(as) estudantes a maioria estar inserida num contexto de 1 único membro familiar estar responsável pela renda total e sustento da casa. Com isso, Vitor nota que a relação entre divulgações do IBGE revelarem que cerca de 25% da população trabalha, o que está em concordância com os dados obtidos no Censo Mafalda.

Gabrielle declara que imaginava que haveriam mais estudantes que trabalham e que fazem ensino médio em escola técnica, e diz que o perfil obtido pela maioria, aparenta pessoas de classe média. Ressalva ainda que, também concorda com Talita sobre reforçar o aumento de horas e dedicação em estudos, porque esses(as) estudantes têm perfil de passar em maior quantidade nos vestibulares.

Anelisia reforça que por conta disso seria ainda mais necessário coletar esses dados no início do ano letivo, para direcionar uma melhor abordagem com os(as) estudantes. Lembra também da situação quando a educadora Gemeriane mostrou e apresentou diversas vídeo-aulas da disciplina de geografia, em que leciona, para que fosse do conhecimento dos(as) estudantes.

Gabrielle ressalva que acredita que daqui 2 ou 3 anos haverá grandes mudanças de perspectiva dessas respostas, em acréscimo ao que Anelisia disse sobre as transformações políticas no Brasil atualmente.

Ao fim da discussão desse tópico, Talita relembra que pode voltar aos slides para retomarem discussão sobre qualquer resultado ou questão, a qualquer momento em que for preciso. Tatiana pergunta sobre mudança em relações aos outros Censos coletados, nos outros anos, se comparados a esse último. Talita diz que não houve nenhuma mudança muito brusca.

Vitor diz que com queda de renda, o Cursinho tende a perder muito de seus(as) estudantes, porque eles(as) iriam atrás de emprego. Leon reforça que isso se associa a presença de poucos(as) trabalhadores(as) em cada casa.

Talita concorda com a fala de Gabrielle de anteriormente, e diz que a mudança no ano que vem não será tão grande. Também relembra da importância do retorno de propagandas e divulgações do Curso Mafalda nas escolas. Além disso, também reforça que seria importante a existência do CNPJ do Mafalda antes da realização do ENEM 2016, assim como o site com inscrições abertas para o ano de 2017. Com isso, será possível que se panflete sobre o Cursinho para as pessoas que não farão o ENEM desse ano, e nas portas dos lugares que terão prova.

Talita declara que com o CNPJ, os pagamentos de taxa e inscrições serão realizados somente de forma online, contando com boletos para maior segurança do dinheiro coletado para o ano letivo do Cursinho. Gabrielle concorda dizendo que isso facilita também para os(as) contadores(as) e tesoureiros(as).

Anelisia diz que é interessante a comparação entre os dados dos(as) educadores(as) e colaboradores(as) para entender origens e diferenças de valores e cultura entre as duas classes, assim como a maneira em que se posicionam. Gabrielle diz que com as mudanças do Brasil que virão, a tendência é que essa distância de respostas aumente.

Vitor questiona sobre o “zero” contido na questão de renda (em salários mínimos) dos(as) estudantes, e se os(as) participantes que responderam teriam noção do que estavam declarando. Pois nesse estado de vulnerabilidade, seria muito difícil dos(as) mesmos(as) se manterem no Cursinho, em relação à seus gastos com alimentação, transporte, etc.

Caio diz que pode haver muitas pessoas desempregadas, mas com salário temporário e/ou dinheiro guardado. Nesse sentido, Vitor sugere que seja mudado para “renda do último ano” no próximo Censo Mafalda.

Gabrielle observa que 6 a 10 salários mínimos são opções escolhidas de número muito alto, e que 1 a 2 tem intensivamente menos, entre educadores(as) e colaboradores(as). Vitor diz que praticamente metade do perfil dos(as) estudantes se relaciona mais com o de docentes e colaboradores(as), e a outra metade é bruscamente diferente. Desse maneira, não é possível definir o perfil do(a) estudante mafaldiano(a).

Anelisia diz que é interessante também ver a relação de estudantes que estudaram no Cursinho Mafalda, e agora se voluntariam como educadores(as) no mesmo.

Talita abre um arquivo através da projeção de slides da “Análise do mapa de números de alunos por município ou distritos e unidade do cursinho em 2015”. Feito por Gabriela Marroque, ex-docente do Curso Mafalda. O mapa está disposto

na região metropolitana de SP, e conta com informações de estudantes de todas as unidades.

Primeiramente, é possível notar, segundo Talita, que as unidades com mais concentração de estudantes são as do Tatuapé e Ferraz, respectivamente. Na Vila Guacuri são presentes mais estudantes da própria área, pela dificuldade de acesso de metrô e ônibus para irem para outras unidades. Leon lembra sobre estudante de Jundiaí no ano passado, quando Vitor ressalva a estudante de Pirituba desse ano.

Em seguida, Talita abre um arquivo através de projeção de slides de um trabalho realizado pela EACH, faculdade pertencente à Universidade de São Paulo (USP), sobre dados do Curso Mafalda que mostra sobre instituições de estudantes, idades, experiência sobre lecionar antes e etc. A partir disso, são visualizadas as questões que não foram contempladas no Censo Mafalda, como forma complementar a análise da reunião pedagógica. Sobre a questão de lecionar antes, cerca de metade do corpo docente diz que já lecionou, dentre essas pessoas, a maioria declara que isso ocorreu em aulas particulares. E 15% desses indivíduos respondentes declaram que essas experiências ocorreram em escola.

Quando perguntados(as) sobre como teriam conhecido o Mafalda, esses(as) docentes respondem em maioria que foi através de amigos(as). Sobre os cursos em que lecionam no Mafalda, maioria são do pré-universitário. Em relação à motivação para fazerem parte do corpo docente do Mafalda, as opções mais escolhidas são, respectivamente: relação docente-discente, militância política, satisfação pessoal, aperfeiçoamento de técnicas de ensino, altruísmo.

Vitor diz que o Curso Mafalda funciona muitas vezes como laboratório para educadores(as) futuros, que virão a trabalhar em outras instituições. Em relação à expectativa pré-trabalho voluntário, a maioria respondeu melhoria da sociedade e educação. Na satisfação pós-trabalho “muito boa” é a mais escolhida.

Talita relembra o fato de que todos que realizam trabalho universitário no Curso Mafalda, assim como esse de estudantes da EACH, devem enviar para a equipe do Mafalda uma cópia do relatório feito para a respectiva faculdade.

Além disso, Talita ressalva que ninguém pertencente à equipe de educadores(as) e colaboradores(as) assina estágio a partir de agora, exceto ela mesma. E que também é extremamente necessário que todos os indivíduos que realizam estágios no Curso Mafalda, deixem suas impressões documentadas ao fim.

Com isso, a reunião pedagógica tem seu devido encerramento.